



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE HOTELARIA E TURISMO
CURSO DE HOTELARIA

EMMANUELA FERNANDA MACEDO ALVES

LEGIBILIDADE, ACESSIBILIDADE E IDENTIDADE: A HOSPITALIDADE URBANA NO
RECIFE DE GILBERTO FREYRE

RECIFE
2025

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE HOTELARIA E TURISMO
CURSO DE HOTELARIA

EMMANUELA FERNANDA MACEDO ALVES

TCC apresentado ao Curso de Hotelaria da Universidade Federal de Pernambuco, Campus Recife, como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Hotelaria.

Aprovado em: 07/04/2025.

BANCA EXAMINADORA

Profº. Dr. Mateus Tedioto (Orientador)
Universidade Federal de Pernambuco

Profº. Dra. Mariana Cavalcanti Falcão (Examinadora Interno)
Universidade Federal de Pernambuco

Profº. Dra. Isabela Andrade de Lima Moraes (Examinadora Externo)
Universidade Federal de Pernambuco

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Alves, Emmanuela.

Legibilidade, Acessibilidade e Identidade: A Hospitalidade Urbana no Recife de Gilberto Freyre / Emmanuela Alves. - Recife, 2025.
21 p., tab.

Orientador(a): Mateus Tadioto

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Hotelaria - Bacharelado, 2025.

Inclui referências.

1. Hospitalidade urbana. 2. Legibilidade. 3. Acessibilidade. 4. Identidade. 5. Gilberto Freyre. I. Tadioto, Mateus. (Orientação). II. Título.

300 CDD (22.ed.)

Legibilidade, Acessibilidade e Identidade: A Hospitalidade Urbana no Recife de Gilberto Freyre¹

Legibility, Accessibility, and Identity: Urban Hospitality in Gilberto Freyre's Recife

Emmanuela F. M. Alves²

Mateus V. Tadioto³

Resumo

Este artigo analisa o Guia Prático, Histórico e Sentimental da Cidade do Recife, de Gilberto Freyre, sob a perspectiva da hospitalidade urbana, explorando três componentes essenciais desse construto teórico: legibilidade, identidade e acessibilidade. A pesquisa, de natureza qualitativa, tem como método a análise de conteúdo de Bardin (1977), o que permitiu identificar como Freyre constroi uma narrativa que revela a complexidade do Recife, destacando sua discrição inicial (legibilidade), sua identidade multicultural (influências holandesa, africana e europeia) e os desafios históricos de acessibilidade. Conclui-se que o Recife, no texto freyriano, é uma cidade que exige envolvimento para ser decifrada, com uma identidade rica e dinâmica, mas que, à época, apresentava limitações estruturais para acolhimento universal. O estudo sugere a análise da hospitalidade urbana no Recife contemporâneo como desdobramento, visando contrastar as percepções históricas com a realidade atual.

Palavras-chave: Hospitalidade urbana. Legibilidade. Identidade. Acessibilidade. Gilberto Freyre.

Abstract

This article analyzes Gilberto Freyre's "Practical, Historical, and Sentimental Guide to the City of Recife" from the perspective of urban hospitality, exploring three essential components of this theoretical construct: legibility, identity, and accessibility. The research, of a qualitative nature, uses Bardin's (1977) content analysis method, which allowed us to identify how Freyre constructs a narrative that reveals the complexity of Recife, highlighting its initial discretion (legibility), its multicultural identity (Dutch, African, and European influences), and the historical challenges of accessibility. It concludes that Recife, in Freyre's text, is a city that requires involvement to be deciphered, with a rich and

¹ A formatação deste texto segue padrões definidos pelas normas de submissão do periódico CULTUR.

² Estudante de graduação do curso de Hotelaria - Universidade Federal de Pernambuco, Brasil.

Emmanuela.fernanda@ufpe.br

³ Doutor em Turismo e Hospitalidade - Universidade Federal de Pernambuco, Brasil.

Mateus.tadioto@ufpe.br

dynamic identity, but which, at the time, presented structural limitations for universal reception. The study suggests analyzing urban hospitality in contemporary Recife as a development, aiming to contrast historical perceptions with the current reality.

Keywords: Urban hospitality. Legibility. Identity. Accessibility. Gilberto Freyre.

1. INTRODUÇÃO

Diferentemente de outras abordagens dadas ao conceito de hospitalidade, na hospitalidade urbana o espaço onde as relações sociais entre anfitrião e hóspede se desenrolam não são relegados ao domínio privado, mas sim ao espaço público (Severini, Vargas, 2017), à cidade. Em outras palavras, os modos de interação da hospitalidade urbana estão ligados a certas características disponíveis na cidade, que são capazes de proporcionar o sentimento de acolhimento ou exclusão àqueles que interagem com o território, tais características foram agrupadas por Grinover (2013) em três categorias principais: a acessibilidade, a legibilidade e a identidade.

No contexto da hospitalidade urbana, a ideia de cidade se aproxima do conceito proposto por Park (1967), que enfatiza que a cidade é a tentativa mais bem sucedida que o ser humano encontrou para reconstruir o mundo em que vive, para o autor, essa construção é, no entanto, paradoxal, pois quando o ser humano criou a cidade, ele também criou o lugar onde estaria condenado a viver. Park ainda conclui “[...] indiretamente, e sem qualquer percepção clara da natureza da sua tarefa, ao construir a cidade o homem reconstruiu a si mesmo”. (1967, p. 3).

O conceito de cidade proposto por Park (1967), dá espaço então para que se pense, tanto a configuração urbana, quanto a comunidade que nela vive, como constituídas de forma heterogênea e dinâmica. Na relação com a hospitalidade urbana, tal conceito de cidade permite ainda que se afirme que o acolhimento está também relacionado à organização socioespacial de determinado lugar (Cruz, 2002).

A hospitalidade urbana ganha outro nível de importância quando se fala de uma cidade que é destinação turística, isso porque as experiências de acolhimento de visitantes criam uma imagem sobre a destinação que influencia diretamente na tomada de decisão de novos visitantes (Platen; Santos, 2023). Logo, compreender as características atribuídas a determinada cidade por seus hóspedes, pode contribuir para o entendimento

das dinâmicas de acolhimento no local e, conseqüentemente, para a criação de estratégias de melhoria ou manutenção da hospitalidade urbana.

É a partir do entendimento de que relatos dos hóspedes sobre sua anfitriã - a destinação turística - contribuem para que se compreenda como a hospitalidade urbana se dinamiza naquele espaço, que o presente estudo se organiza e cujo objetivo geral é **identificar sinalizadores de hospitalidade urbana sobre Recife-PE, no texto Guia prático, histórico e sentimental da cidade do Recife de Gilberto Freyre.**

A resposta ao objetivo proposto foi alcançada a partir de um processo de leitura do Guia Prático, Histórico e Sentimental da Cidade do Recife, orientada pelos preceitos da análise de conteúdo conforme proposta por Bardin (1977), destacando, do texto, as categorias - definidas a priori - da hospitalidade urbana definidas por Grinover (2006).

Nesse contexto, o aprofundamento na leitura de Freyre permitiu demonstrar o modo como os aspectos da hospitalidade urbana se fazem presentes nos relatos históricos acerca da cidade do Recife e sedimentam, ainda que a partir de um relato reconhecimento sentimental, um imaginário sobre a capital pernambucana que perdura em diversos aspectos.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

A hospitalidade, conceito milenar e intrínseco às relações humanas, transcende a mera ação de acolher. Ela representa um conjunto complexo de valores, atitudes e comportamentos que moldam a maneira como interagimos um com o outro. Seus contornos, porém, são fluidos e mutáveis, adaptando-se às diversas culturas e contextos históricos.

Não existe uma definição universal para hospitalidade, de modo que o conceito vai se articulando em diferentes abordagens teóricas. Para Baptista (2002, p.157-8), a hospitalidade é um "modo privilegiado de encontro interpessoal marcado pela atitude de acolhimento em relação ao outro". Uma outra perspectiva teórica sobre a hospitalidade, com foco na dimensão humana, é apresentada por Santos et al. (2010, p.6) "Do ponto de vista do processo, o turista deslocar-se-ia para saber/ter o que não sabe/tem, mas é a dinâmica do acolhimento – resultante da tessitura relacional – que rompe as fronteiras dos

territórios do acolhedor e do acolhido, inaugurando novos espaços, únicos, transformados, com dimensões objetivas e subjetivas”.

A hospitalidade se manifesta em diversas esferas da vida humana, desde as relações familiares e comunitárias até o âmbito profissional. No contexto comercial, a indústria do turismo e da hotelaria tem como pilar fundamental a oferta de experiências hoteleiras memoráveis. Já a hospitalidade doméstica, por sua vez, está associada à criação de laços afetivos e à construção de memórias compartilhadas. Ela envolve a abertura do lar para receber amigos e familiares, proporcionando um ambiente acolhedor e seguro. Cruz (2002, p. 41), considera que “[...] parte da hospitalidade é fruto da organização socioespacial dos lugares”, afirmando que: “Alguns lugares são mais hospitaleiros do que outros e isso possivelmente [...] em função da dimensão socioespacial subjacente ao ato de acolher um visitante”. As qualidades do espaço associadas à relação entre as pessoas que nele se efetiva seriam, em essência, o que torna um lugar realmente hospitaleiro.

Quadro 1 - Esferas da Hospitalidade e suas dimensões

	ESFERAS DA HOSPITALIDADE		
Dimensão	Esfera Doméstica	Esfera Comercial	Esfera Urbana
Acolhimento	Receber com afeto, oferecer um lar (relativo à casa).	Boas-vindas, check-in eficiente (relativo aos espaços comerciais de alojamento, restauração e acolhimento, como hotéis e pousadas)	Tornar a cidade acolhedora, segura (relativo a questões estruturadas no espaço público, sejam infraestruturais ou não).
Conforto	Cama, comida, ambiente familiar	Quartos limpos, serviços, infraestrutura	Espaços públicos agradáveis, transporte
Compartilhamento	Compartilhar refeições, histórias, experiências	Interação social (opcional), serviços personalizados	Participar da vida comunitária, eventos
Segurança	Proteção do lar, apoio familiar	Segurança nos hotéis, informações turísticas	Segurança nas ruas, policiamento
Tipo de Relação	Cortesia que se estabelece entre o familiar e o visitante	Transação que se estabelece entre o profissional e o cliente	Cívica que se estabelece entre o gestor e o cidadão

Fonte: Adaptado de Severini; Netto (2020).

Ao longo da história, a hospitalidade se adaptou às diferentes realidades sociais e culturais, assumindo novas formas e significados. A hospitalidade urbana representa uma das mais recentes manifestações desse fenômeno, oferecendo um campo fértil para pesquisas e reflexões sobre o futuro das nossas cidades.

A hospitalidade urbana transcende a mera recepção de visitantes. Ela representa a capacidade intrínseca de uma cidade em acolher, integrar e proporcionar bem-estar a todos os seus habitantes, sejam eles nativos ou recém-chegados Grinover (2013a). Adicionalmente, o estudo da hospitalidade urbana com um viés mais próximo ao da Geografia Humana, trazem a possibilidade de se pensar o papel social da comensalidade, do serviços e dos comércios de bairro, como componentes da hospitalidade nas cidades, tal enfoque também lança luz às relações sociais e seus processos de inclusão/exclusão, violência/gentileza, como dinâmicas presentes nas mobilidades sociais (Oliveira; Tricárico, 2023). Nas palavras de Grinover (2013a), a hospitalidade urbana ocorre num conjunto de características tais como: legibilidade, identidade, acessibilidade, urbanidade, qualidade de vida e cidadania.

A origem precisa do termo "hospitalidade urbana" é um tanto nebulosa, mas a sua construção e desenvolvimento teórico devem-se a diversos autores, sendo Grinover um dos mais destacados. Para ele, a hospitalidade urbana está intrinsecamente ligada à qualidade do ambiente urbano e, no caso de Grinover (2013a) propõe três componentes essenciais para a hospitalidade urbana:

1. **Acessibilidade:** A cidade deve ser acessível a todos, independentemente de suas condições físicas ou sociais. Isso implica em um sistema de transporte eficiente, calçadas adequadas, e espaços públicos que atendam às necessidades de diferentes grupos populacionais. Uma cidade acessível promove a autonomia e a independência dos seus habitantes, permitindo que todos possam se locomover com facilidade e segurança.
2. **Legibilidade:** Uma cidade legível é aquela que se apresenta de forma clara e intuitiva para seus habitantes e visitantes. A organização espacial, a sinalização e a identificação dos lugares são elementos que contribuem para a legibilidade urbana. Uma cidade legível reduz o estresse e a ansiedade, proporcionando uma experiência mais agradável para todos.

3. Identidade: A identidade de uma cidade é construída ao longo do tempo, através de suas experiências, valores e tradições. Uma cidade com identidade forte é capaz de atrair e reter seus habitantes, além de promover o turismo. A identidade urbana é expressa através de diversos elementos, como a arquitetura, a paisagem, a cultura local e as tradições.

Além desses três componentes ainda de acordo com Grinover (2013a), outros aspectos contribuem para a construção de uma cidade hospitaleira:

- Qualidade de vida: Uma cidade hospitaleira oferece aos seus habitantes uma boa qualidade de vida, com acesso a serviços básicos como saúde, educação e saneamento básico. Além disso, a cidade deve proporcionar espaços verdes, áreas de lazer e oportunidades de desenvolvimento cultural.
- Cidadania: A hospitalidade urbana está intrinsecamente ligada à cidadania, ou seja, ao conjunto de direitos e deveres dos indivíduos em relação à cidade. Uma cidade hospitaleira é aquela que promove a participação cidadã, o diálogo e a construção coletiva do espaço urbano.
- Sustentabilidade: A hospitalidade urbana deve ser pensada de forma sustentável, buscando minimizar os impactos ambientais e sociais. Isso implica investir em energias renováveis, promover a coleta seletiva, e criar espaços verdes.

A hospitalidade urbana é um conceito dinâmico e em constante evolução. Ela está diretamente relacionada a outros conceitos como sustentabilidade, inclusão social, qualidade de vida e bem-estar. A construção de cidades mais hospitaleiras exige a participação de diversos atores sociais, como governos, empresas, universidades e sociedade civil.

Conforme pontuam Oliveira, Becegato e Tricárico (2022, p. 4), “Nas cidades onde o turismo está consolidado como uma atividade econômica geradora de divisas, emprego e renda, a hospitalidade se faz tão necessária quanto os atrativos e infraestrutura que lhes dão sustentação”. Ainda segundo os autores, a imagem do destino está diretamente associada à percepção de hospitalidade proporcionada pelo espaço, de tal modo que o ambiente acessado pode (ou não) criar uma atmosfera aprazível e hospitaleira, tanto para o turista quanto para o morador local. (Oliveira, Becegato, Tricárico, 2022).

O entendimento de que as interações com o espaço resultam em experiências tanto para turistas quanto para moradores de determinada cidade, permite que se observe

a hospitalidade urbana como um fenômeno onde os lugares de anfitrião e hóspede são, também, dinâmicos. Conforme pontuam Severini e Panosso Netto (2020), os moradores de determinada cidade compartilham com a estrutura urbana o papel de anfitriões, ao serem corresponsáveis pelo espaço público e elo fundamental nas percepções sobre a gentileza e acolhimento local. Por outro lado, habitantes de determinada cidade também podem ocupar o papel de hóspede, ao fazer uso da estrutura e dos serviços urbanos disponíveis (Severini, Panosso Netto, 2020), resultando assim em experiências de acolhimento.

Uma percepção positiva acerca da hospitalidade urbana passa, portanto, pelas experiências do sujeito acolhido, seja ele um habitante ou um visitante, construindo assim um juízo sobre a hospitalidade do local que é compartilhado com outros sujeitos nos momentos de relato de experiências. Essa dinâmica remete à noção de imaginário de Salazar (2012), descrita como uma reunião de representações sociais transmitidas socialmente.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Metodologicamente, o presente trabalho se configura como uma pesquisa qualitativa, na medida em que se aprofunda em subjetividades e outras particularidades, cujos valores e significações dificilmente seriam abarcadas pelas proposições metodológicas de viés quantitativo (Minayo, 1994). Além disso, também foram adotadas técnicas de pesquisa bibliográfica e documental, conforme orienta Gil (2008), tanto para a construção do referencial teórico, quanto para a análise da obra literária *Guia Prático, Histórico e Sentimental da cidade do Recife* de Gilberto Freyre, que configura-se como corpus de análise do presente estudo.

O gesto de análise proposto é resultante da mobilização das técnicas de análise de conteúdo propostas por Bardin (1977), que permitiram o seguinte procedimento: Iniciou-se com a produção de um referencial teórico com foco central na contextualização da hospitalidade urbana como conceito central. Do referencial emergiram as categorias acessibilidade, legibilidade e identidade, como unidades fundamentais ao estabelecimento da hospitalidade urbana. Após a seleção das categorias, procedeu-se uma leitura

aprofundada do texto de Gilberto Freyre, juntamente com um processo de fichamento de segmentos que pudessem ser articulados às categorias definidas a priori.

Em outro momento, os fragmentos fichados foram reduzidos a unidades de registro (Bardin, 1977), e, a partir do processo de codificação, foi possível identificar o modo como os componentes da hospitalidade urbana se articulam à narrativa de Freyre sobre a cidade do Recife.

Finalmente, entendendo que “As produções artístico-culturais constituem um caminho seguro para se captar as subjetivações emergentes num dado tempo e lugar, visto que elas funcionam como expressão - como manifestação simbólica - da experiência humana ou da realidade vivida” (Oliveira, Justo (2010, p. 47), o processo de articulação entre as categorias propostas e o texto de Freyre, considerado um dos primeiros guias turísticos já produzidos, este estudo propõe a síntese de um discurso que inaugura e sintetiza as relações do Recife com seus visitantes no contexto do acolhimento.

4. ANÁLISE DOS DADOS

O Guia Prático, Histórico e Sentimental da Cidade do Recife (1934), de Gilberto Freyre, revela uma cidade cuja hospitalidade urbana se manifesta em três dimensões interligadas: legibilidade, identidade e acessibilidade. A legibilidade do Recife, conforme descrita por Freyre, não é imediata; a cidade se revela gradualmente, como um “namoro sentimental” (p. 23), onde igrejas, pontes e rios servem de referenciais em meio a uma paisagem “acanhada” e cheia de nuances (p. 169). Essa complexidade exige do visitante um olhar atento, sugerindo que a experiência urbana é tão afetiva quanto espacial.

A identidade recifense emerge como um mosaico de influências culturais — holandesa, africana, indígena e europeia —, refletida na arquitetura, no cotidiano das ruas e nas tradições populares (p. 26, 51). Freyre destaca a pluralidade como marca da cidade, mas também seus paradoxos, como o contraste entre o “Recife das revoluções” e o “dos crimes” (p. 24). Essa riqueza simbólica constroi uma hospitalidade baseada no pertencimento e na memória coletiva, ainda que menos voltada para a conveniência turística.

Quanto à acessibilidade, Freyre não a aborda em termos contemporâneos (como inclusão), mas sua descrição de ruas estreitas, sobrados verticais e a dependência de rios

para mobilidade (p. 31) aponta desafios estruturais. A cidade histórica, com seu traçado irregular, privilegiava adaptações locais em detrimento de uma lógica universal de acesso — uma limitação que ainda ressoa hoje.

Em síntese, o Recife de Freyre é hospitaleiro pela força de sua identidade e pelo vínculo afetivo que cria, mas com lacunas em legibilidade imediata e acessibilidade. A hospitalidade urbana, aqui, é menos sobre infraestrutura e mais sobre a capacidade da cidade de envolver e narrar sua própria história, seduzindo moradores e visitantes pela complexidade e autenticidade. Pesquisas futuras poderiam comparar essa visão com a realidade atual, investigando como essas categorias se transformaram ou persistiram.

4.1 Legibilidade Urbana: Desvendando os Mistérios do Recife

A legibilidade urbana, conceito fundamental para a compreensão da experiência na cidade, refere-se à facilidade com que o ambiente urbano pode ser compreendido e navegado. Lynch (1997) define a legibilidade como a qualidade de uma cidade que permite aos observadores construir uma imagem mental clara e organizada do ambiente. “Considera-se a legibilidade como uma forma de ‘ler’ a cidade, de entendê-la, bem como sua relação com o passado e com a memória, [...], a cidade construída, as arquiteturas, os monumentos e a tradição, por meio dos signos, códigos comunicativos, interpretativos, celebrações” (Bitelli, Bastos, 2018, p. 464).

No contexto do Recife de Freyre, a legibilidade se apresenta como um tema complexo e multifacetado. O autor nos adverte, no capítulo "O Caráter da Cidade", que o Recife não se revela de forma imediata, exigindo um olhar mais atento e uma relação mais profunda para ser compreendido em sua totalidade.

4.2 A Discreta Paisagem e a Primeira Impressão

Freyre inicia sua descrição do Recife com uma imagem de discrição e recato. A cidade não se "escancara" ao visitante, como outras cidades brasileiras mais "francas, cenográficas, fotogênicas". O Recife possui um "recato quase mourisco", escondendo-se por trás dos coqueiros e apresentando uma paisagem urbana que, à primeira vista, pode parecer "acanhada" e "angulosa". As igrejas são descritas como "magras", os sobrados como "estreitos", e a cidade, em geral, como "toda ela num plano só, achatando-se por

entre as touças de bananeiras". Essa descrição inicial sugere uma certa dificuldade em apreender a organização espacial e os elementos distintivos da cidade, o que pode ser interpretado como uma falta de legibilidade imediata. A cidade não se oferece de forma óbvia, exigindo um esforço maior do observador para desvendar seus segredos. Como mostrado no trecho a seguir:

Viajante que chega ao Recife por mar, ou trem, não é recebido por uma cidade escancarada à sua admiração, à espera dos primeiros olhos gulosos de pitoresco ou de cor. Nenhum porto de mar do Brasil se oferece menos ao turista. Quem vem do Rio ou da Bahia, cidades francas, cenográficas, fotogênicas, um ar sempre de dia de festa, as igrejas mais gordas que as recifenses, casas trepadas umas por cima das outras como grupos de gente se espremendo pra sair num retrato de revista, uma hospitalidade fácil, derramada - talvez fique a princípio desapontado com o Recife. Com o recato quase mourisco do Recife, cidade acanhada, escondendo-se por trás dos coqueiros; e angulosa, as igrejas magras, os sobrados estreitos, alguns, ainda hoje, com quartinhas às janelas, com gaiolas de passarinhos, de papagaios e até de araras, junto às varandas de ferro rendilhado; com mulatas de casas-de-rapariga em terceiro ou quarto andar, que de madrugada aparecem nuas nas varandas para provocarem os seminaristas de conventos, alvoroçando os frades moços empenhados nas primeiras rezas do dia. Cidade sem saliências nem relevos que deem na vista, toda ela num plano só, achatando-se por entre as touças de bananeiras que saem dos quintais dos sobrados burgueses; por entre as mangueiras, os sapotizeiros, as jaqueiras das casas mais afastadas (Freyre, 1934, p. 23).

Essa primeira impressão de discrição e recato pode gerar no visitante uma sensação de estranhamento ou desorientação. A cidade não se apresenta de forma clara e organizada, como um cartão-postal. Ao contrário, ela se esconde, se revela aos poucos, exigindo do observador um olhar mais atento e uma postura mais ativa.

4.3 A Experiência Subjetiva e a Construção da Legibilidade

No entanto, Freyre ressalta que a verdadeira essência do Recife se revela na experiência subjetiva e na relação com o tempo, "A nenhum, porém, a cidade se entrega imediatamente: seu melhor encanto consiste mesmo em deixar-se conquistar aos poucos. É uma cidade que prefere namorados sentimentais a admiradores imediatos (Freyre, 1934, p. 23)".

Essa metáfora sugere que a legibilidade do Recife não é uma qualidade intrínseca da cidade, mas sim uma construção que se dá na interação entre o observador e o espaço urbano. A cidade não é um objeto passivo a ser contemplado, mas sim um organismo vivo que exige envolvimento e dedicação para ser compreendido.

A legibilidade, portanto, é um processo dinâmico e contínuo, que se desenvolve na medida em que o indivíduo se aprofunda na experiência urbana. É preciso caminhar pelas ruas, observar os detalhes, sentir a atmosfera da cidade para construir uma imagem mental clara e organizada do ambiente. “Essa imagem mental é uma referência, é uma estrutura gramatical e sintática que, por analogias e pela construção de um sistema, exprime-se pela codificação de mensagens, e, em seguida, pela decodificação dessas mesmas mensagens, cujas interpretações só poderão dar-se se os códigos de emissão e de leitura forem compatíveis.” (Grinover, 2006, p. 42).

4.4 Marcos Visuais e Elementos de Orientação

Apesar da descrição inicial, o Recife possui elementos que auxiliam na orientação e na construção de um mapa mental da cidade. Freyre menciona o farol e as torres das igrejas como marcos visuais que se destacam na paisagem, “Ou as torres das igrejas como a do Espírito Santo, outrora célebre pelas cores vivas que anunciavam aos recifenses navios à vista, vapores a chegar: da Europa, do Sul, das Áfricas, de outras Américas (Freyre, 1934, p. 23)”.

Esses elementos servem como pontos de referência, auxiliando o visitante a se localizar e a compreender a organização espacial da cidade. As pontes, que conectam as diferentes partes do Recife, também desempenham um papel importante na legibilidade, facilitando a circulação e a compreensão da cidade como um todo. Os rios e canais que cortam a cidade também funcionam como elementos de orientação, dividindo o espaço urbano em áreas distintas e facilitando a compreensão da organização espacial. A presença da água, portanto, contribui para a legibilidade do Recife, oferecendo pontos de referência e facilitando a orientação.

Os destaques a elementos específicos e a pontos de referência que se sobressaem na Recife narrada por Freyre, além de suas ressalvas sobre uma “arquitetura nova” símbolo da modernização da capital pernambucana, são pontos do discurso que permitem observar a cidade enquanto “[...] mensagem à procura de significado que se atualiza no uso. [...]”. Essa carga significativa, sistematizada, poderá ser prevista em um código e utilizada coletivamente (Grinover, 2006, p. 44). Os significados que emergem da leitura da cidade, quando repetidos ou reafirmados, reforçam critérios específicos que vão

influenciar o estabelecimento da identidade da cidade, outro aspecto integrante da hospitalidade urbana.

5. IDENTIDADE: A ALMA RECIFENSE EM MÚLTIPLAS DIMENSÕES

A identidade do Recife, tal como captada por Freyre, é um mosaico rico e multifacetado, construído ao longo de séculos de história, influências culturais diversas e experiências sociais complexas, tal multiplicidade corrobora com as proposições de Grinover (2013b), que refer-se à categoria enquanto plural, definindo “As identidades enquanto sensações de pertencimento são elaborações imaginárias que produzem coesão social e reconhecimento individual” (p. 5). Assim, Freyre nos convida a mergulhar nas profundezas da alma recifense, a desvendar seus mistérios e a compreender sua singularidade.

5.1 Um Caldeirão de Culturas e Influências

Freyre descreve o Recife como uma cidade cosmopolita, que "está sempre a receber influências de várias partes do mundo" (Freyre, p. 26). Ele destaca a presença de diversas culturas e influências que moldaram a cidade ao longo do tempo, desde o período colonial até as influências do modernismo.

A influência holandesa, por exemplo, é evidente na arquitetura e no urbanismo da cidade, com seus canais e construções características. No capítulo "O Caráter da Cidade" Freyre (1934) menciona a presença do Conde Maurício de Nassau, que governou a cidade no século XVII e promoveu importantes obras de infraestrutura.

A influência francesa se manifesta na cultura e nos costumes, com a presença de elementos da moda, da culinária e da arte francesa. A influência inglesa se faz presente no comércio e na indústria, com a presença de empresas e tecnologias britânicas. O Recife recebeu outras influências como mostra o trecho abaixo:

Uma Sociedade Cultural Brasil-Estados Unidos, uma Associação de Cultura Franco-Brasileira, um Instituto Brasileiro-Argentino de Cultura, uma Sociedade de Cultura Inglesa, uma Casa da Itália, um Instituto de Cultura Hispânica, uma Associação Cristã Feminina, outra de *girls-scouts* - Bandeirantes - um clube Alemão, um Clube Israelista, um Clube Sírio-Libanês concorrem para dar ao Recife aspecto cosmopolita (Freyre, 1934, p.26).

A influência alemã se destaca no campo das ideias, com a presença de filósofos e pensadores alemães que influenciaram a intelectualidade recifense. Freyre menciona a presença de Tobias Barreto, um intelectual recifense que foi um grande difusor do pensamento alemão no Brasil.

Essa diversidade cultural se reflete em todos os aspectos da vida na cidade, desde a arquitetura e o urbanismo até a culinária, a música, a dança e as manifestações religiosas. O Recife é uma cidade que se orgulha de sua diversidade, que celebra a mistura de culturas e que se abre para o mundo.

5.2 O Peso da História e a Memória Coletiva

A história do Recife é um elemento central na construção de sua identidade. Freyre evoca o passado da cidade, desde o século XVI até os dias atuais, destacando a presença de personagens históricos, de eventos marcantes e de tradições que persistem no tempo.

Freyre também relembra as revoluções e os conflitos sociais que marcaram a história da cidade, como a Insurreição Pernambucana e a Revolução Praieira. Esses eventos moldaram o caráter do povo recifense, que se orgulha de sua tradição de luta e resistência.

A identidade enquanto categoria formada por uma memória coletiva é transmitida de geração em geração (Grinover, 2013a, 2013b), torna-se um elemento fundamental na construção de Recife por Freyre. A história da cidade é contada e recontada, preservada em monumentos e edifícios históricos, celebrada em festas e eventos culturais.

5.3 A Presença Africana e a Herança Cultural

A influência africana é um traço marcante da identidade recifense. Freyre destaca a presença africana em diversos aspectos da vida na cidade, desde o carnaval e a culinária até a religião e o imaginário popular.

A presença africana se manifesta na música, com o maracatu e o frevo, ritmos que nasceram no Recife e que expressam a alegria e a energia do povo. Ela se faz presente na culinária, com pratos como a feijoada e o acarajé, que incorporam ingredientes e

técnicas culinárias africanas. Ela se revela na religião, com a presença de cultos afro-brasileiros como o candomblé e a umbanda, que expressam a fé e a espiritualidade do povo.

5.4 O Recife Romântico, Dramático e Mal-Assombrado

A cidade é palco de dramas e paixões, de amores e ódios, de alegrias e tristezas. É uma cidade que tem alma, que tem história, que tem identidade, “[...] o Recife das revoluções, dos crimes, das assombrações, dos cadáveres de padres ideológicos rolando pelo chão, dos fantasmas de moças nuas aparecendo a frades devassos, dos papafigos pegando meninos, dos maridos ciumentos esfaqueando mulheres, das serenatas de rapazes, pelo Capibaribe, nas noites de lua (Freyre, 1934, p. 24)”.

5.5 O Cotidiano como Palco da Identidade

Freyre valoriza o cotidiano como palco da identidade da cidade. Ele descreve os "silêncios e ruídos" do Recife, os anônimos e os poderosos, os vendedores de comida de rua e os frequentadores dos espaços culturais.

Ele se interessa pelas pequenas histórias, pelos detalhes do dia a dia, pelas manifestações espontâneas da vida na cidade. Ele observa os hábitos, os costumes, as tradições e as formas de interação social que caracterizam o Recife.

Freyre registra a presença de personagens populares, como descrito adiante:

Pelas esquinas das velhas ruas de São José - do passo da Pátria, da Direita, da Tobias Barreto - que outrora teve o grande nome de Rua dos Sete Pecados Mortais - até há poucos anos se encontravam negras de fogareiro vendendo milho, tapioca, peixe frito. A negra Elvira. A Joana. Sinhá Maria. Várias outras. Também vendedoras de gelada, muleques de midubi, vendedores de bolo e de caldo de cana (Freyre, 1934, p. 51).

Essa atenção ao cotidiano revela a preocupação de Freyre em captar a alma da cidade em suas múltiplas manifestações, em sua diversidade e em sua riqueza. A identidade do Recife se constrói no dia a dia, nas interações sociais, nas práticas culturais, nas manifestações artísticas.

Os fragmentos apresentados, corroboram assim com as proposições de Grinover (2013b), para quem:

As identidades enquanto sensações de pertencimento são elaborações imaginárias que produzem coesão social e reconhecimento individual. As identidades dão segurança e conforto, sendo dotadas de positividade que permite a aceitação e o endosso. As identidades fundamentam-se em dados reais e objetivos, recolhidos dos traços, hábitos, maneiras de ser e acontecimentos do passado, tais como os lugares e os momentos, isto é, os territórios (p.5).

6. ACESSIBILIDADE: UM DESAFIO CONTEMPORÂNEO

Alinhado aos princípios do Destino Turístico Inteligente (DTI), que preconiza a inclusão e a acessibilidade como elementos essenciais para a fruição plena da cidade (Ministério do Turismo, 2021), é possível refletir sobre os desafios e as possibilidades de acessibilidade no contexto histórico do Recife retratado por Gilberto Freyre, mesmo que não seja um tema central na obra de Freyre.

6.1 A Cidade para Todos: Um Direito Fundamental

A acessibilidade urbana busca garantir que todos os cidadãos, independentemente de suas condições físicas, sensoriais ou cognitivas, possam se locomover, participar e desfrutar da cidade. Isso envolve a eliminação de barreiras arquitetônicas, a oferta de transporte público acessível, a comunicação inclusiva e a promoção da igualdade de oportunidades. Segundo Sassaki (2010, p. 23), "a acessibilidade é um direito fundamental, não um privilégio. Ela garante que todas as pessoas, independentemente de suas capacidades, possam participar plenamente da sociedade". Dessa forma, a acessibilidade não deve ser vista como um benefício extra, mas sim como um princípio básico para a construção de cidades verdadeiramente inclusivas.

6.2 O Recife de Freyre e os Desafios da Acessibilidade

O Recife descrito por Gilberto Freyre, com sua arquitetura histórica caracterizada por ruas estreitas, sobrados antigos e tradições seculares, apresenta desafios significativos em termos de acessibilidade. A configuração urbana, marcada por edifícios antigos e calçadas irregulares, pode dificultar a mobilidade de pessoas com deficiência ou mobilidade reduzida.

Sobre as edificações, escreveu:

A tendência da edificação urbana do Recife, em bairros como o de São Pedro, Santo Antônio e mesmo São José, é, pelas próprias condições ecológicas da parte mais antiga da Cidade, para a verticalidade. Tendência para a qual evidentemente concorreu a influência de europeus do Norte, senhores do Recife talássico durante anos, no século XVII, com o maior número de pontes e os veículos modernos, porém, a área propriamente urbana do Recife, outrora confinada a ilhas ou quase-ilhas, vem se estendendo pelo continente: Boa Vista (Freyre, 1934, p. 31).

A cerca das ruas, registrou:

“[...] variam muito de fisionomia, de cor, de cheiro. Parecem às vezes de cidades diferentes. Há ruas perfeitamente europeias como a Avenida Rio Branco. Outras que dão a ideia de estar no Oriente como a Estreita do Rosário à noite, como o Beco do Cirigado, o Beco do Marroquim, a Rua do Fogo; ainda outras que não têm que ver com as de Lisboa, com os seus sobrados, suas varandas, suas vidraças, seus verdes, seus encarnados, seus azuis. Tal a Larga do Rosário. E há as ruas silenciosas [...] (Freyre, 1934, p. 169)”.

O transporte público, com seus ônibus lotados e suas estações inadequadas, pode ser um obstáculo para pessoas com deficiência. A comunicação, com a falta de sinalização acessível e a ausência de recursos de acessibilidade em espaços públicos, pode excluir pessoas com deficiência visual ou auditiva.

No entanto, é importante considerar que a acessibilidade é um conceito de história recente, tendo sua origem assinalada por volta da década de 1960 (Mazzoni, et. al. 2001) e em constante evolução, que se adapta às características de cada cidade, buscando soluções criativas e inovadoras para superar os desafios.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Gilberto Freyre, em sua obra, estabelece uma relação profunda e afetiva com o Recife. Mais do que descrever a cidade, ele a sente, traduzindo em palavras uma conexão quase nostálgica com seus espaços, suas paisagens e sua cultura. Seu olhar revela um Recife que não é apenas físico, mas também simbólico, um lugar onde a memória e a identidade se entrelaçam na construção de uma hospitalidade singular. A cidade, para Freyre, não se limita às suas ruas e construções; ela vive através das interações humanas e do modo como seus habitantes se acolhem uns aos outros.

O conceito de hospitalidade urbana, desenvolvido por Grinover, se consolidou como uma referência para a compreensão da forma como as cidades podem acolher seus

habitantes e visitantes. Através dessa lente, foi possível realizar uma análise retrospectiva da construção da hospitalidade urbana no Recife, tendo como base o guia de Gilberto Freyre. Esta obra, considerada a primeira produção sobre a temática na cidade, revela muito sobre os valores e as relações que definem o caráter hospitaleiro da capital pernambucana.

A análise dos dados, dividida nas três dimensões da hospitalidade urbana — legibilidade, identidade e acessibilidade — exigiu uma abordagem interpretativa abrangente. As categorias, embora elaboradas após a publicação do livro de Freyre, apresentaram interconexões evidentes, permitindo que certos trechos do texto fossem analisados sob mais de uma perspectiva. Isso destaca a riqueza e a complexidade do trabalho de Freyre, que se presta a múltiplas leituras e oferece uma visão dinâmica da cidade.

Ao refletir sobre o Recife descrito por Freyre, é possível afirmar que ele se configura como uma cidade com uma forte capacidade de acolher, apesar de seus desafios. A obra revela um território onde os espaços públicos, as relações sociais e a própria estrutura urbana contribuem para a construção de uma hospitalidade urbana genuína. Contudo, também são evidentes algumas questões que, à época, já necessitavam de atenção, como as desigualdades socioespaciais e a falta de acessibilidade. A partir dessas considerações, torna-se relevante que futuros estudos se dediquem a analisar o Recife contemporâneo sob a ótica da hospitalidade urbana, explorando como a cidade evoluiu e identificando os pontos que ainda precisam ser trabalhados para tornar Recife um espaço mais inclusivo e acolhedor para todos.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.

BITELLI, F. M.; BASTOS, S. R. Hospitalidade na cidade: as manifestações culturais como uso do espaço público. *Turismo Visão e Ação*, v. 20, n. 3, p. 460, 27 set. 2018. Disponível em: <https://periodicos.univali.br/index.php/rtva/article/view/13494>. Acesso em: 10 mar. 2025.

BRASIL. Ministério do Turismo. *Destinos Turísticos Inteligentes (DTI)*. 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/turismo/pt-br/acesso-a-informacao/perguntas-frequentes/ministerio-do-turismo/destinos-turisticos-inteligentes-dti>. Acesso em: 30 mar. 2025.

CRUZ, R. C. A. Hospitalidade Turística e Fenômeno Urbano no Brasil: Considerações Gerais. In: DIAS, C. M. M. (org.). *Hospitalidade: Reflexões e Perspectivas*. São Paulo: Malone, 2002.

FREYRE, Gilberto. **Guia prático, histórico e sentimental da cidade do Recife**. 5. ed. Global, 1934.

GIL, A. C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GRINOVER, L. Hospitalidade, qualidade de vida, cidadania, urbanidade: novas e velhas categorias para a compreensão da hospitalidade urbana. *Revista Iberoamericana de Turismo - RITUR*, Penedo, v. 3, n. 1, p. 16-24, 2013a. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/ritur>. Acesso em: 10 mar. 2025.

GRINOVER, L. Patrimônio, identidade, território e hospitalidade: notas para a compreensão da cidade contemporânea. In: SEMINÁRIO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM TURISMO, 9., 2013, São Paulo. *Anais [...]*. São Paulo: ANPTUR, 2013b.

GRINOVER, L. A hospitalidade urbana: acessibilidade, legibilidade e identidade. *Revista Hospitalidade*, [S. l.], p. 29-50, 2020. Disponível em: <https://www.rev Hosp.org/hospitalidade/article/view/191>. Acesso em: 10 mar. 2025.

LYNCH, K. *A imagem da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

MAZZONI, A. A. et al. Aspectos que interferem na construção da acessibilidade em bibliotecas universitárias. *Ciência da Informação*, v. 30, n. 2, p. 29-34, maio 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ci/a/xdprRdF8MLDJWR5pS57zsVj/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 31 mar. 2025.

MINAYO, M. C. S. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 1994.
MINISTÉRIO DO TURISMO. Destinos Turísticos Inteligentes (DTI). Disponível em: <https://www.gov.br/turismo/pt-br/acesso-a-informacao/perguntas-frequentes/ministerio-do-turismo/destinos-turisticos-inteligentes-dti>. Acesso em: 31 mar. 2025.

OLIVEIRA, A. A. A.; JUSTO, J. S. Expressões do tédio na contemporaneidade: uma análise do romance "Encontro Marcado", de Fernando Sabino. *Revista de Psicologia da UNESP*, v. 9, n. 1, p. 45-57, 2010. Disponível em: <https://revpsico-unesp.org/index.php/revista/article/view/107>. Acesso em: 10 mar. 2025.

OLIVEIRA, J. P.; BECEGATO, L. C.; TRICÁRICO, L. T. Hospitalidade urbana de destinos turísticos: um estudo do Distrito de Santo Antônio de Lisboa em Florianópolis (SC, Brasil). *Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo*, São Paulo, v. 16, e-2621, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.7784/rbtur.v16.2621>. Acesso em: 20 mar. 2025.

OLIVEIRA, L. L. Gilberto Freyre e a Valorização da Província. *Sociedade e Estado*, [S. l.], v. 26, n. 1, p. 117–149, 2011. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/sociedade/article/view/5562>. Acesso em: 20 mar. 2025.

PARK, R. *On social control and collective behavior*. Chicago: University of Chicago Press, 1967.

PLATEN, D. E.; SANTOS, A. R. Escolha por destinos turísticos: uma revisão sistemática. *Rosa dos Ventos - Turismo e Hospitalidade*, v. 15, n. 4, p. 1105-1129, 2023. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.18226/21789061.v15i4p1105>. Acesso em: 20 mar. 2025.

SALAZAR, N. B. Tourism imaginaries: a conceptual approach. *Annals of Tourism Research*, v. 39, n. 2, p. 863-882, 2012.

SASSAKI, R. K. *Inclusão: construindo uma sociedade para todos*. Rio de Janeiro: WVA, 2010.

SEVERINI, V. F.; NETTO, A. P. Hospitalidade urbana e planejamento turístico: os cinco estados mais hospitaleiros do Brasil em foco. *PODIUM Sport, Leisure and Tourism Review*, [S. l.], v. 9, n. 4, p. 1–27, 2020. DOI: 10.5585/podium.v9i4.16743. Disponível em: <https://periodicos.uninove.br/podium/article/view/16743>. Acesso em: 3 abr. 2025.